

# A Educação Comparada e a *insustentável* leveza do ser

## The Comparative Education and the *unbearable lightness of being*

### La Educación Comparada y la *insoportable* leveza del ser

Candido Alberto Gomes<sup>1</sup>



Candido Alberto Gomes foi Presidente da Sociedade Brasileira de Educação Comparada (SBEC) e membro do Comitê de Pesquisa do Conselho Mundial das Sociedades de Educação Comparada (*World Council of Comparative Education Societies – WCCES*). Foi assessor legislativo de educação do Senado Federal, da Assembleia Constituinte e da Comissão Mista de Orçamento do Congresso Nacional no Brasil, onde desenvolveu um trabalho de construção de pontes entre a pesquisa e as políticas educacionais, e tem sido consultor de diversas organizações internacionais, incluindo a UNESCO. Atualmente, é Professor Catedrático do Instituto de Estudos Superiores de Fafe, Portugal.

**RESUMO:** No âmbito da celebração dos 40 anos da Sociedade Brasileira de Educação Comparada, a Revista Brasileira de Educação Comparada recebe a contribuição do Professor Candido Alberto Gomes, que reflete sobre o contexto da globalização e sua implicação na produção de ciência.

**Palavras-chave:** Educação Comparada. Campo de pesquisa e Identidade. Avanços, Crítica e Disseminação.

**ABSTRACT:** As part of the celebration of the 40th anniversary of the Brazilian Society of Comparative Education, the Revista Brasileira de Educação Comparada welcomes the contribution of Professor Candido Alberto Gomes, who reflects on the context of globalization and its implications for the production of science.

**Keywords:** Comparative Education. Research field and identity. Advances, Critique and Dissemination.

**RESUMEN:** En el marco de la celebración del 40 aniversario de la Sociedad Brasileña de Educación Comparada, la Revista Brasileira de Educação Comparada acoge una contribución del profesor Candido Alberto Gomes, que reflexiona sobre el contexto de la globalización y sus implicaciones para la producción científica.

**Palabras clave:** Educación Comparada. Campo de Investigación y identidad. Avances, Crítica y Difusión.

**40 ANOS**

1983-2023



S B E C

**SOCIEDADE  
BRASILEIRA DE  
EDUCAÇÃO  
COMPARADA**

<sup>1</sup> ORCID: <https://www.orcid.org/0000-0001-8498-3785>

---

**RESUMO:** Um balanço da Sociedade Brasileira de Educação Comparada, aos 40 anos, evoca a insustentável leveza do ser, conjugando a leveza da busca da liberdade e o peso concreto dos fatos. Esboçando esta contínua tensão, destacamos o objetivo inicial de abrir janelas e portas ao mundo, de modo a superar tanto uma educação introjetada como um cosmopolitismo neocolonial. Assim, buscava-se debater uma perspectiva para as ciências da educação. Levantamento em 2013 arrolou 97 artigos publicados em 1999-2014. Nesta tentativa, nos deparamos com a estimativa preliminar de cerca de 840 trabalhos publicados digitalmente de 2019 a junho de 2023. Esta explosão reflete o contexto da globalização, das avaliações comparativas e dos estímulos à competição pela eficiência, não necessariamente pela igualdade. Este trabalho conclui com indagações sobre as teias quantitativas, as linhas de montagem em que nos enredamos, em vez de ter a calma para refletir profundamente sobre os seus significados e implicações. Seríamos marionetes de um gigantesco espetáculo, de simulacro e simulação da leveza e da solidez?

**Palavras-chave:** Educação Comparada. Campo de pesquisa e Identidade. Avanços, Crítica e Disseminação.

**ABSTRACT:** The Brazilian Comparative Society's history, aged 40, evokes the unbearable lightness of being, associating the freedom's lightness and the facts' burden. Outlining this continuous tension, we point out the initial goal of opening windows and doors to the world, as a means to overcome an introjected educational system, as well as a neo-colonial cosmopolitanism in order to point out another perspective to the sciences of education. A survey in 2013 detected 97 articles on comparative and international education published in 1999-2014. Nevertheless, we have been surprised by an initial estimate of around 840 digitally published papers in 2019-Jun. 2023. This boom mirrors the globalization context, comparative evaluations and incentives to competition for efficiency, not necessarily equality. This paper finishes with questions about numerous quantitative webs we are in, included in assembly lines of "scientific production" as industrial goods, instead of deeply reflecting on meaning and implications. Would we be puppets in a giant show of lightness and weight's simulacra and simulation?

**Keywords:** Comparative Education. Research field and identity. Advances, Critique and Dissemination.

**RESUMEN:** Un examen de los 40 años de la Sociedad Brasileña de Educación Comparada evoca la insoportable levedad del ser y el peso de los hechos. Esta continua tensión se manifiesta en el objetivo inicial de abrir ventanas y puertas al mundo, de modo a superar tanto un sistema educativo introvertido cuanto un cosmopolitismo neocolonial, con el fin de ofrecer una perspectiva a las ciencias de la educación. Un levantamiento en 2013 detectó 97 artículos sobre educación comparada e internacional publicados en 1999-2014 en Brasil. Sin embargo, nos quedamos sorprendidos con la estimativa preliminar de cerca de 840 trabajos digitalmente publicados en 2019-junio 2023. Esta explosión refleja el contexto de la globalización, de las evaluaciones estandarizadas, así como incentivos a la competición por la eficiencia, no necesariamente por la igualdad. Este trabajo termina con cuestiones sobre las numerosas telas cualitativas en que estamos enredados, incluidas en líneas de montaje de "producción científica" como bienes industriales. Nos falta la reflexión profunda sobre sus significados y implicaciones. ¿Seríamos marionetas en grande espectáculo de simulacro y simulación de la levedad y del peso?

**Palabras clave:** Educación Comparada. Campo de Investigación y identidad. Avances, Crítica y Difusión.

## Introdução

---

No ano do passamento de Milan Kundera (2008), cabe prestar uma homenagem a quem, filosófica e artisticamente, buscou genialmente o sentido da vida. Por meio de Beethoven, destacou as contradições entre a leveza do ser, em busca da liberdade, e o peso dos fatos na Tchecoslováquia dos anos 1980. Recordemos que, antes, Alexander Dubček, líder do Partido Comunista no país, propusera e em parte realizara as reformas da “Primavera de Praga”, conforme os ventos globais de 1968. A então União Soviética, em bloco aparentemente coeso, respondeu com a intervenção militar e instituiu um regime opressivo de mútuas vigilância e denúncia. Os tanques “dialogaram”, a ferro e fogo, com as ideias de liberdade interna e aproximação com os países ocidentais. Vinte e um anos depois, na “Revolução de Veludo” (1989), Dubček foi outra vez aclamado pelos seus compatriotas.

Afinal, que tem Kundera com a educação comparada? Sua obra, que enseja diversas interpretações, nos aponta, entre outros aspectos, as contradições entre a leveza da busca da liberdade e o peso do poder. Após a queda do Muro de Berlim, o comunismo foi declarado um fracasso. Adeus, guerra fria! O tigre de papel já não preocupava mais as democracias ocidentais no sentido de serem uma alternativa de justiça e instituições democráticas. Então, de um lado, simplifadamente, as sociedades em rede (Castells, 2002) passaram a erodir capacidades de resistência, assegurando livres e rápidos fluxos de capitais e criando múltiplas e microscópicas classificações na estratificação social, tecida de hierarquias, lutas intestinas e paixões tristes, na expressão de Dubet (2020). Décênios depois, os resultados não se fizeram esperar: a riqueza aumenta extraordinariamente, concentrada em poucas mãos, enquanto a pobreza se

manifesta em profundo contraste (Piketty, 2022). As sociedades (e sistemas educativos) aderiram a um formulário econômico de liberdade como direito e não como poder. Liberdade, inclusive, para, fora dos limites explícitos, minar as instituições políticas, para subtrair direitos e aumentar deveres trabalhistas, além de eximir-se de tributos (a delicadamente denominada otimização fiscal). Em sociedades hipercompetitivas, que Han (2017) chamou de sociedade do cansaço, as tensões são continuamente elevadas, o chão trepida a cada instante, talvez a modernidade líquida (Bauman, 2021) tenha sido substituída pela modernidade vaporosa. Entre estes debates, por que ter paciência com as discussões democráticas? Com dinheiro e tecnologias a rodo, por que não instituir déspotas que decidam por nós, depois de demolirem as instituições democráticas, concentrando poderes como Leviatã? Com a crise das ideias e movimentos à esquerda, multiplicam-se estados iliberais e “homens (ou mulheres) fortes”, que levam países de histórica democracia a se resignarem em escolher o postulante “menos ruim” nas eleições.

Se o fim da guerra fria induziu ao crescimento econômico, o fez também no sentido da ampliação das diferenças. Nossos tempos são de crescente desigualdade. Não se comparam – é certo – ao período entre as duas guerras mundiais, porém se assinalam como geradores de nacionalismos e até de guerras imperiais fora do tempo. Na verdade, vivemos hoje uma guerra mundial vicária num mundo que hesita entre bi- e multipolaridade. De qualquer modo, fraturado, dividido, o mundo em que vivemos é cada vez menor, mais interdependente, em fluxo cada vez mais rápido, onde as sociedades do cuidado

buscam subsistir ante o avanço das sociedades do cansaço.

Por exemplo, a pandemia COVID-19 alastrou-se prontamente pelo globo, tornando-se uma emergência mundial. Igualmente, suas consequências na saúde, educação e economia, continuamente pautadas pelas desigualdades entre vacinas, medicamentos, respiradores e outros equipamentos, fechamento de escolas, empresas e outras entidades. Hoje, além do lastro da sociedade do cansaço, temos o agravamento dos problemas de saúde mental, expressos em formas de desaparecimento de si (Le Breton, 2018) e em violências mais intensas, como tiroteios e ataques físicos e psicológicos. Novas subdivisões se apresentam na estratificação social, notoriamente os gêneros e as etnias, com os movimentos sociais étnicos (contra os vieses discriminatórios de instituições policiais e judiciais, entre outros) e os movimentos de sustentação do arco de gêneros LGBTI+, para defenderem o direito a existir e, de modo intrínseco, a ter a sua identidade. Aparentemente, navegamos e

singramos mesmo em um mar de rosas, pleno de espinhos.

Não se trata do pior mundo de todos os tempos, não é o mundo mais sombrio e desafiador da História. Há múltiplos desafios inéditos, enquanto cresceram os meios, também inéditos, de lhes encontrar respostas. De qualquer forma, confirma-se a metáfora de Beck (2013) da sociedade de risco, ainda mais quando se atravessa uma guerra mundial vicária. Neste quadro, se integram as ameaças de uso de armas atômicas, de destruição por meio de artefatos tecnológicos tão sofisticados que chegariam para alimentar por longo tempo grande quantidade de refugiados. Enfim, é provável que maior velocidade, como na metáfora de Rosa (2019), à semelhança de hamsters girando cada vez mais rápido, leve à maior acumulação e, das perspectivas potencial e real, a maior número de conflitos. Como pano de fundo, o mal-estar civilizacional, que coincidentemente Freud (2011) abordou no tempo entre as duas guerras mundiais.

## E a Educação Comparada?

---

Se assim se delineia o mundo recente da educação comparada – que não é o pior deles, ao menos por ora –, continua a busca de liberdade, a insustentável leveza do ser. Esta busca não cessa, não pode baixar os braços. Simultaneamente, entre a leveza da liberdade e o peso dos fatos, a educação comparada, como outras ciências ou disciplinas, continua a ser invadida e usada por vieses ideológicos. É vã qualquer veleidade de uma paisagem onde se possa ver na planície um terreno isento de vieses, a exemplo de ver os fatos sociais como coisas (Durkheim, 1963) ou, ainda, de tecnologias e inteligências artificiais supostamente isentas de vieses, conforme as ilusões na

ordem do dia. Tempo e espaço são temas essenciais da filosofia clássica, de modo que é inútil tentar situar-se longe, fora ou acima deles. Colocar-se fora ou acima do lago que habitamos como peixes afigura-se uma utopia, cabendo melhor o distanciamento crítico e o debate mais ou menos equânime entre posições. Desde as suas origens a educação comparada e internacional tem sido puxada e repuxada, embebida em ideologias diferentes.

Para falar de hoje, cumpre recordar o que estados e empresas particulares têm buscado: menores custos por aluno, sistemas mais eficientes e mais eficazes, na moldura do pensamento iniciado por Adam Smith e

desenvolvido, conforme as circunstâncias, depois do século 18. O quadro de uma sociedade competitiva, constantemente escrutinada, avaliada e classificada, com os seus recursos atrelados supostamente aos resultados, é a utopia de um sistema educativo de alta produtividade (e aqui se aplica o conceito de produtividade do industrialismo aos serviços que, como a educação e a saúde, possibilitem que ela seja alcançada (Vitaud, 2022)). Por um viés nada inocente e, sim, conveniente, isolam-se as externalidades, como os serviços considerados ancilares, os danos ao meio ambiente, a redução dos recursos naturais não renováveis, bem como as pessoas a elas alocadas, a um plano inferior, menos recompensado.

Desde a teoria do capital humano, nos anos 1960 (Schultz, 1961), gastam-se rios de tinta para publicar relatórios que evidenciam os retornos econômicos e sociais da educação e da saúde. Todavia, na hora da formulação de políticas e da alocação de recursos, tudo isso se evapora diante da ótica imaginária do crescimento infinito e acelerado, dos conceitos tradicionais de produtividade, da mensuração do Produto Nacional Bruto pelas riquezas produzidas durante certo período. Como as linhas ascensionais dos gráficos econômicos se manteriam caso adotassem critérios como os propostos pelo Relatório Stiglitz, Sen e Fitoussi (2009)? Se, da soma das riquezas, simplificadamente, fosse retirado o valor dos recursos naturais utilizados e dos danos ao meio ambiente? O crescimento infinito se esfumaria diante da realidade dos fatos.

Com isso, a sociedade do cansaço – e da pressa que a ela conduz – é terreno fértil para germinação dos problemas de saúde física e mental que, já antes da pandemia, vitimavam parte da população. Seus custos podem ser também incluídos nas externali-

dades do crescimento, conceituado segundo padrões do século 19.

Ora, os estados querem fórmulas para gastar pouco por aluno com o máximo de eficiência. Aderiram ao paradigma do estado empresa (Musso, 2019), que pretende vitalizar as máquinas burocráticas com as supostas agilidade, competência e probidade das empresas privadas. Com efeito, em numerosos casos, é viável reduzir gastos públicos com o tríduo competição – avaliação – privatização. É possível fechar as escolas “menos eficientes”; elevar pontuações consagradas pelo consenso político temporário; expor ao mercado quem é “melhor” para que as/os “consumidoras.es” (não necessariamente as/os cidadãs.ãos) acorram aos melhores. Também está nos limites do possível promover a seleção dos mais fortes, na ótica do arcaico e indecente darwinismo social. A eficiência pode de fato aumentar, mas difere da igualdade. Em última análise, isso justificaria a eliminação dos pobres como incapazes e preguiçosos.

Em contraste, a mídia trata das rebeliões das periferias, do desemprego juvenil, da ascensão do crime organizado, da mortalidade entre jovens, dos bairros degradados, da pobreza endêmica, das ilhotas de prosperidade. Então, criam-se até ministérios da coesão social, programas burocráticos e humilhantes de subvenções sociais, ao passo que se extinguem empregos e trabalhos, se automatiza se recorre às novas tecnologias e à inteligência artificial. É ao que se chama “enxugar gelo”, num processo indefinido, como o trabalho de Sísifo, a empurrar uma pedra encosta acima e abaixo incessantemente.

## Limites do cuidado e da ponderação

---

Cabe às.aos cidadãos.ãos conscientes e decentes ponderarem cuidadosamente sobre tais adornos da modernidade, como tecnologias e inteligência artificial, com que se doura a pílula de supostas soluções. Enquanto isso, germinam em países menos desenvolvidos escolas de elite, com mensalidades iniciais superiores a 1.500 dólares, em certos casos com correção inflacionária a cada mês. Em oposição, brotam as escolas “latas de lixo”, receptoras de alunas.os de baixo rendimento, modestas origens sociais e praticantes de violência. Coincidentemente, estas escolas “lata de lixo” se situam em bairros degradados, onde a miséria, a pobreza, a imigração, o racismo, o desemprego, a revolta entretecem uma realidade que leva as.os moradoras.es a descer continuamente, com raras exceções, a espiral acumulativa da miséria e da reprodução da mesma. Em contraste, nas ilhas de excelência, segundo critérios vigentes e discutíveis, as escolas particulares e as melhores escolas públicas tendem a encaminhar a maioria das suas.seus alunas.os no suposto rumo do sucesso, em uma espiral ascendente cumulativa. O que, porém, não impede os seus componentes sentir o “branco”, o

vazio, a falta de sentido da vida e buscar múltiplas formas de desaparecer de si mesmo.

Minorias étnicas, como negros, muçulmanos e outras, ademais dos imigrantes em geral, costumeiramente vistas sob a lente de estereótipos, são bodes expiatórios em potencial, úteis ao longo da História, conduzindo a crimes hediondos. Quando o caldeirão de ressentimentos de alguns desses grupos explode e derrama o fogo à sua volta, os “desordeiros” são perseguidos. Eclodem, então, movimentos como “Black lives matter” e protestos como há pouco tempo pela morte de um adolescente muçulmano na França. Em ambientes onde as minorias já são marcadas por ferretes de inferioridade, a força pode deter temporariamente ações e reações, mas não assegurar a paz, pois só a justiça a possibilita. O que aparece em países do Hemisfério Norte ocorre também nas periferias urbanas e numerosos enclaves da América Latina e da África. Reflitamos: até quando, se tudo muda e um dia não é igual a outro?

## A Educação Comparada e o paradigma do estado-empresa

---

Retomando o fio da educação comparada, cabe-nos indagar se ela está enredada neste conjunto de forças. Sim, de muitas maneiras, em vários grupos, com diversas posições. O peso dos fatos e a leveza da busca pela liberdade se contrabalançam nesta mescla colorida de ciências e ideologias. Ao refletir as paisagens histórico-sociais e, ao mesmo tempo, nelas interferir, a educação comparada é agente e paciente,

conjuga os verbos nas vozes passiva e ativa.

Atualmente, em contextos competitivos, globalizantes, onde a sombra do industrialismo orienta a acumulação de riquezas, a educação comparada recebe também estas influências. Esquecidos da parábola do joio e do trigo, que nascem juntos e não podem ser separados a não ser no tempo próprio, há quem aceite ou recuse tudo o que está envolvido real ou suposta-

mente no paradigma empresarial contemporâneo. Assim, existe financiamento abundante para diferentes tipos de testes padronizados e para análises dos seus dados, quando realmente se analisam. A ciência com consciência não precisa desprezar a luz que entra, ainda que obliquamente, pelas frestas e janelas. Há que aproveitar e criticar, pois outros ângulos e perspectivas descerram novos aspectos da realidade, que nos cabe analisar. A história da ciência deixa à mostra que a falta de liberdade conduz a uma ciência “disciplinada”, patrocinada, ideologizada, enjaulada dentro de certas “academias”, capaz das mais graves discriminações e outros crimes.

Não se enquadrando nestas situações éticas, porém claramente ideologizadas, são posições que tomam a educação comparada como base para homogeneizar aspectos diferentes e padronizar o não padronizável. Bray, Adamson e Mason (2015), em sua obra sobre teorias e metodologias, nos mostram o quanto é caleidoscópica a realidade educativa, podendo-se comparar e analisar não apenas os sistemas educativos nacionais, como nas raízes do século 19, como também efetuar comparações entre lugares, tempos, etnias, classes, gêneros, culturas, valores, políticas, currículos, inovações pedagógicas, modos de aprender e desempenhos pedagógicos. Isto ainda não esgota as realidades que se desdobram a cada dia e suscitam novos ângulos e campos. Nestas realidades multifacetadas, temos podido encontrar aspectos convergentes, sem, todavia, esquecer as divergências. Desse modo, é preciso ver os resultados com cautela se tomamos como pressuposto que divergências interferem significativamente nos resultados. O pressuposto da homogeneidade facilitaria muito as conclusões, contudo, em ciência, que vale a casa construída sobre terreno

arenoso? Mais cedo ou mais tarde aparecem as fissuras, corroem-se os alicerces e a casa é condenada. Todo um corpo de conhecimentos, duramente construído, pode vir abaixo.

Nesse sentido, a nosso ver, o paradigma do estado empresa é um fenômeno social total, envolvente de parte do mundo em parte de um tempo (Mauss, 2012). O êxito das empresas é claro, ao adotar este paradigma de racionalização. Entretanto, a racionalização não se ergue como um páramo neutro. Por isso, sem ingenuidades cumpre indagar: racionalização do ponto de vista de quê e de quem? Para quê e para quem? Porque as racionalizações são relativas, datadas e localizadas no espaço social, em função, inclusive, de quem as formula e a serviço de quem estão e de quem as paga.

São impressionantes a avidez e o imediatismo com que estados se lançam a estes formulários para “resolverem” os seus problemas, enquanto as ruas ardem. Até quando? Tempo e espaço nos ensinam que o perpétuo fluir da História nada deixa intocado por muito tempo. Não por acaso se discute se a globalização continuará ante mudanças correntes. Enganou-se quem acaso recaiu na teoria do progresso do século 19 e imaginou um caminho ascensional infinito.

Na educação é também admirável o empenho com que se aplicam soluções empresariais, com a ajuda das tecnologias, ante o incauto fascínio dos “clientes” pelos equipamentos e não pelo *Geist*, conceito com cores aparentemente antigas do Iluminismo. Quanto às tecnologias, cabe salientar que grande parte da Alemanha age prudentemente em face das tecnologias educacionais, em vista da preservação de *Bildung*. Conceito polissêmico ao longo dos séculos (as palavras mudam, como as coisas e as coisas nomeadas), seria traduzido talvez como a formação global da

pessoa, ao passo que *Erziehung* mais se aplica à educação formal. Com isso, os pacotes tecnológicos de molde industrial têm dificuldade de prosperar quando se reflete a respeito das novidades, na contramão das tendências copiativas do passado colonial. O novo é necessariamente bom? É espantoso ver como brilham os olhos de mães e pais diante de laboratórios com luzes piscantes, computadores portáteis que “tudo” contêm, meninas.os que fazem “tudo” por meio de teclas. Fora de tais bolhas, as escolas das favelas fecham durante os tiroteios, têm materiais arcaicos, merenda inconstante para saciar a fome, educadoras.es desestimuladas.os, alunas.os sem entender os nexos da vida com a educação formal. Que sociedade estamos construindo?

Diante de balanços “azuis”, com linhas ascensionais, é heróico fazer com que certos grupos de decisores pensem na filosofia e na cidadania. Enquanto isso, aprofunda-se um hiato entre o como fazer e o porquê e para que fazer. Pequeno exemplo está nos manifestos para dar pausa o desenvolvimento da inteligência artificial, a fim de pensarmos, em especial nas implicações para a identidade humana. Como desenvolvê-la é relativamente fácil,

## **E a Educação Comparada cresce!**

---

Apesar de parecer muito tempo, publicamos em 2015 (Gomes, 2015) um tosco levantamento de artigos publicados no Brasil de 1999 a 2014 sobre a educação comparada e internacional. O total chegou aos referidos 97 artigos, ramificados pelas diversas regiões, instituições e campos da investigação nacional. No quadragésimo aniversário da Sociedade Brasileira de Educação Comparada, chegamos à ousadia de efetuar uma comparação entre antes e depois, desde aquela reunião de Bento

os caminhos a que nos levará são incógnitos. Os gregos foram sábios no mito do rei Midas: adquirida a pedra filosofal, o vinho que o rei tanto apreciava, a filha que tanto amava, ao serem tocados por ele, se tornaram ouro inanimado.

A educação comparada, nestes contextos, pode trajar as mais variadas vestes ideológicas, dependendo das modas, dos poderes, dos financiamentos, dos “grupos influentes”. Como já ocorreu, pode-se levantar contra ela o escudo do nacionalismo, como se o mundo ainda espreitasse os horizontes dos oceanos à espera das naus que traziam as “últimas modas” europeias (hoje, pobre Europa!). Pode servir a cosmopolitismos, de ranço colonial, que misturam água, azeite e outros líquidos e proclamam ser uma coisa só. Pode servir (ainda) a estabelecer formulários ou pacotes com soluções para determinados problemas educacionais, independente da realidade onde se situam, quando se sabe que, em que pese a interdependência do mundo, a educação não viaja tão bem (Gomes & Pimentel, 2020). Por isso, cabe às.aos comparatistas ser cientes e, sobretudo, conscientes (Morin, 2021).

Gonçalves, sob a presidência da saudosa colega Marta Sisson. Todavia, desistimos da tarefa diante das proporções dos fatos: simples busca no Scholar Google com o termo “educação comparada e internacional”, entre 2019 e 2023 (ano pelo meio) nos fez localizar cerca de 840 trabalhos, inclusive teses e dissertações em repositórios de instituições de nível superior.

Cumpramos estudar e selecionar estes trabalhos, classificando-os, tarefa para uma equipe. Poderíamos declarar que a educa-



ção comparada aumentou exponencialmente. Alguns prefeririam tratar da “produção” da educação comparada. No entanto, recusamo-nos a usar este termo que, por influência da globalização e do paradigma do estado-empresa, transformou as.os publicadores em máquinas, os resultados científicos em produtos e as instituições de pesquisa em fábricas, com cheiro de óleo, remontando ao taylorismo, fayolismo, fordismo e outros ismos modernos.

Voltemos ao cuidado e ponderação: este imenso e custoso polvo, imposto pela avaliação competitiva, há muito se desfez em números. Há pouco tempo circulou a notícia de um pesquisador tão extraordinário que teria publicado a média de mais de dois artigos por dia. Se a questão é de números, conforme a toada em todo o mundo, esta personagem é ninguém menos que um gênio, maior que Einstein... As engrenagens giram com revisoras.es gratuitos de artigos, às vezes adulados com descontos e bônus da indústria editorial como no supermercado. Elas.es e editoras.es não raro têm o poder de ministros de tribunais superiores, capazes de sepultar um trabalho de que discordam (ou de cuja.o autor.a não “gostam”) ou de consagrar a mediocridade. Ao menos, nos sistemas judiciais se pode recorrer à instância superior.

Então, humildemente, colocamo-nos diante da estimativa preliminar de cerca 840 trabalhos ou cerca de 168 anuais. Por que o crescimento? É provável que tenham caído alguns preconceitos, além do existente caldo de cultura: lidamos com testes padronizados comparativos, intra- e internacionais, exibimos termômetros (menos que diagnósticos e, menos ainda, proposições). Vivemos em sociedades em rede, sentimos a globalização em todos os cantos, então o número de trabalhos teve grande impulso. Contudo, o mais relevante

não está nos números e, sim, nos significados. O que está sendo feito da educação e da educação comparada e internacional? A educação no mundo tem avançado em ritmo similar como direito humano? Na África Subsaariana já não há alunas.os que montam e desmontam suas escolas de galhos e troncos a cada ano, conforme as estações das chuvas e da seca? Já não há escolas embaixo de árvores por falta de melhor local? Já não se prepara a comida em fogueiras feitas de pedras e carvão vegetal? O papel já chegou a todas.os? As.os colegas professores já não passam fome? Temos um mundo funcionalmente alfabetizado? O capital cultural digital está se democratizado, ao menos nos países “mais avançados”? A pandemia nos teria comprovado isso? E o capital cultural relativo à inteligência artificial já estaria difundido ao menos em “ilhas de excelência”?

Nossas “indecentes” perguntas (Millôr Fernandes diria “cretinas”) remetem a outras: temos comunicado a pesquisa adequadamente? Quando no exercício de cargos decisórios, sabemos construir as pontes entre pesquisas e políticas educacionais? Quanto à educação comparada em si, a “explosão” mencionada inclui as pesquisas teóricas e metodológicas ou se busca com furor a pesquisa aplicada, quando não imediatista? Qual a sua substância e qualidade, conceitos por si sós tão polissêmicos?

Aqui tomo a liberdade de passar à primeira pessoa do singular. Como modesto sócio da SBEC, não tenho respostas, pois se trata de tarefa coletiva. Revolvendo as recordações, sou sócio “pré-histórico”, se bem que não fundador. Em 1984, era professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio, chegado há menos de um ano de um doutorado onde estudara e participara da educação comparada como um “minor”

curricular. Então, colegas me convidaram a participar de um encontro no Centro Educacional de Niterói, de honrosa memória inovadora. Em 1987, organizamos, com as dificuldades e incompreensões típicas de qualquer coisa nova, um Congresso Mundial de Educação Comparada, no Rio. Antes, durante e depois encontrei um clima de discussão plural. Minhas/meus colegas mais vizinhos, muitas/os já falecidas/os, não sonhávamos com uma “explosão” de trabalhos de tal ordem. Não sonhávamos com uma grande sociedade científica, organizada como empresa, segundo a moda, mas como um pequeno grupo ativo capaz de oferecer uma perspectiva fértil às ciências da educação. Um reduzido grupo que, reunindo-se em lugares desde pequenos auditórios de instituições de educação superior até à sala da Comissão de Educação do Senado, sob a égide e a inspiração de João Calmon, que nos honrava com confiança e falou de nós ao Plenário. Não pretendíamos ser grandes em número, em recursos, em poder, mas constituir uma espécie de sal da terra e modesta réstia de luz que abrisse portas e janelas ao mundo. Não nos satisfazia nem uma educação provinciana, nem colonial ou colonialista em relação a nós e a outros países. Ao contrário, preocupávamo-nos que, em certos períodos, o Brasil buscava ativamente o status de potência intermediária. Sabíamos muito bem, pela educação comparada, que as potências intermediárias em parte impunham um imperialismo intermediário a países considerados menos desenvolvidos. E não queríamos que a educação comparada, muito menos a Sociedade, servissem a isso, ainda que pudessem ter gerado “negócios” de grande porte. Sempre convivemos entre nós na pluralidade, sem pautas e formulários fixos. Por isso, fazemos quarenta anos no porte pequeno. A explosão dos trabalhos

arrolados na internet não tem a ver diretamente com uma explosão do número de sócios da SBEC. No entanto, fazemo-lo com honra, com ciência e consciência.

Já é tarde para efetuarmos um exame de consciência crítica às maneiras como se faz ciência neste tempestuoso século 21. Os testamentos intelectuais recentes de grandes filósofos são um caminho para isso. O gigantismo do mundo de hoje, na riqueza, na miséria, nas guerras, nas realizações tecnológicas, no cansaço, na infocracia, também se revela nas largas dimensões dos contrastes. No consumismo capaz de esgotar os recursos não renováveis (que, por isso, impõe o alargamento da miséria e da pobreza para não liquidar de vez o Planeta). Nas/os jovens que se suicidam por falta de um lugar ao sol, de um trabalho identificado e relativamente seguro, mesmo em economias ditas desenvolvidas. Na (falta) de saúde mental antes, durante e após o ordálio da pandemia, quando a gigantesca máquina quase parou.

Em relação à academia: quem em sua consciência pode ler, analisar conscienciosamente, discutir e, quando for o caso, aplicar estas catadupas de artigos que desabam na internet e em papel a cada ano no mundo inteiro, em particular de grandes e lucrativos grupos editoriais a que pagamos, segundo a lei da oferta e da procura, para publicar artigos? Transformamo-nos num maquinário dentro de um gigantesco maquinário industrial onde é preciso andar cada vez mais depressa, a produzir mais e sempre mais, num ritmo de crescimento insustentável. É doloroso indagar: seremos pequenas, as atrizes/atores num teatro cujo controle perdemos há muito tempo – se é que algum dia o tivemos? Sabemos de fato que peça(s) são encenadas? Que fazemos? Nos primórdios da pós-graduação, ao menos parte de nós pretendíamos viabilizar uma

semeadura crítica de valores, ideais, conhecimentos para e com as próximas gerações. Será que, em parte, não fomos sorvidos por estereótipos e números cujo significado passa tão rápido como as linhas de montagem? Seríamos fantoches das máquinas industriais? Ainda acreditamos no sal e na luz da ciência? Haverá refúgio na filosofia para fazer relativo silêncio e perguntar, com calma, fora da roda dos

hamsters, sem o ritmo alucinante das avaliações, congressos e concorrências: de onde vimos? Que queremos? Para onde vamos? Os meios são adequados aos fins? Ou encenamos um incomensurável espetáculo de simulacros e simulações, na grande sociedade do espetáculo (Baudrillard, 1991)? E o espetáculo teria que desfechos?

## Referências

---

- Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e simulação*. Relógio d'Água.
- Bauman, Z. (2021). *Modernidade líquida*. Zahar.
- Beck, U. (2011). *Sociedade de risco: Rumo a uma outra modernidade*. Editora 34.
- Bray, M., Adamson, B., & Mason, M. (Orgs.) (2015). *Pesquisa em educação comparada: Abordagens e métodos*. Liber Livro; Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de Brasília.
- Castells, M. (2002). *Fim de milênio* (3ª ed). Paz e Terra.
- Dubet, F. (2020). *O tempo das paixões tristes*. Vestígio.
- Durkheim, É. (1963). *As regras do método sociológico* (3ª ed). Nacional.
- Freud, S. (2011). *O mal-estar na civilização*. Penguin; Companhia das Letras.
- Gomes, C. (2015). Educação comparada no Brasil: esboço de agenda. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. 46(243), 243–258.  
<https://dx.doi.org/10.1590/52176-6681/359313453>
- Gomes, C., & Pimentel, G. (2020). Afinal, a educação viaja bem? *Revista Brasileira de Educação Comparada*, 2, e020001. <https://doi.org/10.20396/rbec.v2i.12229>
- Han, B.-C. (2019). *Sociedade do cansaço* (2ª ed., 3ª reimpr.). Vozes.
- Kundera, M. (2008). *A insustentável leveza do ser*. Companhia de Bolso.
- Le Breton, D. (2018). *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Vozes.
- Mauss, M. (2012). *Essai sur le don: Forme et raison d'échange dans les sociétés archaïques*. Presses Universitaires de France.
- Morin, E. (2021). *Ciência com consciência* (20ª ed.). Bertrand Brasil.
- Mussot, P. (2019). *Le temps de l'État-Entreprise: Berlusconi, Trump, Macron*. Fayard.
- Piketty, T. (2022). *Uma breve história da igualdade*. Bertrand.
- Rosa, H. (2019). *Aceleração: A transformação das estruturas temporais na Modernidade*. Editora UNESP.
- Schultz, T. (1961). Investment in human capital. *American Economic Review*, 51(3), 1-17.

Stiglitz, J., Sen, A., & Fitoussi, J.-P. (2009). *The measurement of economic performance and social progress revisited* [Document du Travail de l'OFCE, N. 2009-33]. Sciences-po.fr. Disponível em: <https://www.ofce.sciences-po.fr/pdf/dtravail/WP2009-33.pdf>.

Vitaud, L. (2022). *En finir avec la productivité: Critique féministe d'une notion phare de l'économie et du travail*. Payot.